TPBCI | Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

Neodocumentação e dialogismo no muralismo zapatista

Neo-documentation and dialogism in the zapatista muralism

Bianca Rihan[1]
Gustavo Saldanha[2]

Resumo: Este artigo versa sobre os murais espalhados pelos municípios comandados pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, no estado de Chiapas, México. Acompanhando algumas lições do dialogismo Bakhtiniano, assim como da crítica neodocumentalista à Ciência da Informação e à sua epistemologia fortemente influenciada ora pelo positivismo, que considera documentos como objetos neutros e naturais, ora por um subjetivismo extremo, que trata os objetos apenas como aspectos da consciência mental, adotamos um caminho desviante do mentalismo, mas que em muito amplia uma concepção dos documentos puramente amparada no fisicalismo, para assim considerarmos os nossos murais coloridos como documentos forjados por uma materialidade sócio-histórica, criativa e dialética.

Palavras-Chave: Zapatistas. Murais. Neodocumentação. Dialogismo. Linguagem.

Abstract: *This article deals with the murals spread over the municipalities commanded by the Zapatista Army of National Liberation (EZLN), in the state of Chiapas, Mexico. Accompanying some lessons from Bakhtinian dialogism, as well as from the neodocumentalist critique of Information Science and its epistemology strongly influenced by positivism, which considers documents as neutral and natural objects, sometimes by an extreme subjectivism, which considers objects only as aspects of mental consciousness, we adopt a deviating path from mentalism, but which greatly expands a conception of documents purely supported by physicalism, so that we consider our colored murals as forged documents for a socio-historical, creative and dialectical materiality.*

Keywords: *Zapatist. Murals. Neo-Documentation. Dialogism. Language.*

[1] Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). bibirihan@gmail.com. https://orcid.org/0000-0003-1988-1779.
[2] Doutor em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT – UNIRIO). gustavosaldanha@ibict.br. http://orcid.org/0000-0002-7679-8552.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo compreende parte do trabalho de campo realizado para a pesquisa de tese "Documentos dialógicos, territórios dialéticos: um estudo sobre murais e seu papel na guerrilha simbólico-material do Movimento Zapatista de Libertação Nacional". O trabalho direcionou-se à compreensão de murais coloridos, construídos pelo movimento zapatista, conformado majoritariamente por indígenas das etnias t*zotzil, tzeltal, tojolabal, chol, mame* e *zoque*, em seu território autônomo, localizado no sudeste mexicano. O estudo integra a discussão sobre o papel da reflexão informacional sobre a práxis em povos e comunidades tradicionais no âmbito de saberes locais, sua visibilidade, sua compreensão e sua preservação.

Partindo da crítica neodocumentalista articulada à tradição dialógica da obra de Bakhtin (1997), a saber, uma filosofia marxiana da linguagem, propomos os murais zapatistas como documentos, entendidos de maneira ampliada: murais-documentos enquanto coisa e processo (BUCKLAND, 1991). Murais-coisa, pois investidos de materialidade, simbólica em sua condição histórica, localizados no tempo e no espaço, mas também murais-processo, porque capazes de movimentar ambas as dimensões a partir das relações sociais que os atravessam e os constituem. Isto é, trata-se de uma concepção que questiona a categorização finalizadora dos documentos como objetos substancializados e como prova de uma verdade externa à temporalidade dos conflitos sociais, voltados à recuperação de fatos, para entendê-los como artefatos sócio-históricos, dialéticos e dialógicos, abertos à criatividade e às imaginações resistentes; aos encontros e aos confrontos; e que cumprem um papel decisivo no encaminhamento da luta social.

Reunindo tais apontamentos sobre as direções da pesquisa, podemos sintetizar os objetivos da mesma a partir das seguintes enunciações:

1- Conceituar os murais zapatistas como documentos. Ou seja, estudar outros modos e possibilidades de organizar e usar a informação para além das lógicas e retóricas dominantes sobre o que é um documento e sobre o que é documentar.

2- Recuperar o processo de produção coletiva da informação a partir da construção de murais "rebeldes", atentando para a organização compartilhada do conhecimento e da ação, assim como para a transidentidade do artefato, em sua

manifesta capacidade de representar as micrograméticas da totalidade social ativa em sua práxis, procurando decifrar os diferentes sujeitos e relações sociais manifestos; os diferentes repertórios mobilizados; e o processo de (res)significação de mensagens através de uma narrativa ao mesmo tempo plural e singular.

3- Analisar os murais como documentos para a luta que, para além de constituírem zonas de prosa e diálogo de enorme potencial simbólico, são mobilizados a partir de um conflito direto com o capitalismo e o neoliberalismo que avançam sobre os territórios indígenas, tornando-se instrumentos de ação pedagógica contínua no encaminhamento das pautas zapatistas e anticapitalistas.

Apresentados os objetivos, antes de adentrarmos ao relato da experiência em campo, cabe contextualizarmos o movimento zapatista e o investimento coletivo em uma impressionante produção documental para a luta, pelo discurso da vida em um contexto de violência agrária, o que despertou nosso interesse de investigação e justifica a nossa proposta de pesquisa.

2 DA GUERRILHA ARMADA AO MOVIMENTO SOCIAL ORGANIZADO

Em uma conjuntura marcada pelo avanço do neoliberalismo, em primeiro de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), formado majoritariamente por indígenas provenientes do estado de Chiapas, México, tornava-se mundialmente conhecido como uma guerrilha que se rebelava contra a fome, a violência e a exclusão social; por justiça, dignidade e liberdade para os indígenas e demais contingentes despossuídos.

A data escolhida para o início do levante foi simbólica, pois a mesma em que o Estado mexicano celebrava sua integração ao Acordo de Livre Comércio das Américas (NAFTA), juntamente com Estados Unidos e Canadá, gerando graves consequências para as populações mais pobres do país. Salutar também é o marco da década de 2010 como *locus* temporal do avanço dos conflitos agrários e do massacre de povos e comunidades tradicionais com políticas armamentistas e xenófobas.

Dentre outros estratagemas para a espoliação de indígenas e camponeses, a assinatura do NAFTA encaminhou a desestruturação do artigo constitucional que

regulava as propriedades comunais da terra, conhecidas como *ejidos*, transformando-as em mercadorias. (ZERMEÑO, 1997).

Naquele momento, para além das expectativas rebeldes, foi expressivo o apoio da sociedade civil nacional e internacional à sua indignação e demandas, porém, algumas objeções se colocaram quanto ao uso das armas. Em poucos dias, os eixos de ação seriam recalculados, com o recuo das ocupações do exército armado e o fortalecimento de uma vasta rede de diálogos e construção política. Desde então, os zapatistas protagonizam um dos mais destacados e criativos movimento sociais de nosso tempo, organizando-se em um território autônomo, que funciona "por cima" do Estado oficial; e mobilizando bases de apoio ao redor de todo o mundo (MARQUES, 2014).

Nossa curiosidade se deu por esse processo de reconfiguração da guerrilha e, consequentemente, pela constituição do Movimento Zapatista que, apesar de ainda contar com a proteção de um exército indígena regular, é impulsionado, sobretudo, por um denso cabedal informacional, recheado de narrativas próprias e recursos simbólicos.

Ao amalgamarem alegorias, paródias, contos, poemas, romances, fotografias, comunicados via internet, pinturas em murais, etc, movimentaram um circuito plural de artefatos informacionais, composições estéticas e possibilidades imaginativas, logrando a identificação e a consequente aproximação da sociedade civil nacional e internacional (HIJÁR, 2004, p. 16).

> No movimento zapatista, a relação linguística icônica, as formas linguísticas e literárias, os recursos argumentativos textuais e visuais, o uso do tempo e do espaço, o humor, a ironia, o realismo mágico, os recursos de ficção, o uso da metáfora e de outras ferramentas poéticas são só alguns dos elementos presentes. A eficácia e contundência do discurso zapatista, ademais da justeza de seus planteamentos e demandas sociais e políticas, provém também da afetação direta à dimensão estética, sobretudo à luz da sexta declaração da Selva Lacandona em que se convoca outra forma de fazer política, a construir um programa de luta nacional e de esquerda, por uma nova constituição (Tradução nossa).

Dentre todas essas expressões comentadas por Hijár, concentramos nossa atenção nos murais que, desde 1995, demarcam e colorem o território rebelde. A escolha dos murais como objeto de estudo passa pelo fato da expressão muralista materializar, através da metáfora visual, a complexa imbricação de todo os elementos

citados anteriormente. Isto é, o mural viabiliza a materialidade dialética de múltiplas linguagens como forma de luta e de resistência.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, recorremos a Bakhtin (1997) e ao seu olhar holístico crítico – materialista, histórico, simbólico e consideravelmente antropológico - sobre o mundo dos signos. Assim, nosso estudo dos murais transcende o isolamento de uma interpretação particularista e se lança à procura do outro: do entrecruzamento de olhares, do dialogismo das vozes, das múltiplas posturas sócio-políticas que se encontram e confrontam nas feições do objeto e na totalidade em movimento que o circunda. Os passos dessa empreitada serão dispostos a partir do chamado método exotópico.

Diferentemente de uma opção pelo distanciamento, o exercício exotópico propõe um encontro entre duas maneiras de ser/estar no mundo. Por sua vez, a condição para o entendimento do outro pressupõe uma busca incansável pela alteridade: colocar-se disponível, travar diálogos com o diferente, imaginar-se em seu lugar, fazendo com que a posição do eu possa ser alargada. Nessa empreitada, além das próprias experiências, acumulamos um excedente de visão daquele que é externo a nós, o que, necessariamente, transforma e alimenta nossa capacidade de análise (GONÇALVES; GONÇALVES, 2015).

De acordo com Bakhtin (1997, p. 329):

> No campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos). O que se poderia chamar de uma definição científica e a crítica dos textos são fenômenos mais tardios (significam toda uma revolução do pensamento nas ciências humanas, é o nascimento da dúvida). No início, havia a fé que só exigia compreensão e exegese. Logo se recorre a textos profanos. Não é nossa intenção mergulharmos na história das ciências humanas, e, em particular, na história da filologia ou da linguística. O que nos interessa, nas ciências humanas, é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se apresentam ao pesquisador em forma de texto.

Assim, imprescindível é que a pesquisa reivindique o caráter de diálogo, revelando a plasticidade, mas também a tensão entre pesquisador e pesquisado para

que, ao fim da experiência, revele-se algo que não se podia ver (GONÇALVES; GONÇALVES, 2015).

Nesse sentido, as aspirações bakhtinianas se aproximam da ética intercultural defendida por Rafael Capurro (2003), permitindo-nos reabrir conclusões há muito encerradas por certa tradição positivista nas Ciências Sociais, em geral, e na Ciência da Informação, em particular. Em uma ética dedicada à compreensão do outro para ampliar nosso próprio olhar sobre o mundo, não bastaria encarar o documento-mural como dado, prova ou reflexo imediato. Observá-los de perto, imergir em suas redes de significações cotidianas sempre abertas e em constante transformação, onde se dá a produção, a apropriação e a circulação de imagens e imaginações, tornou-se fundamental para o encaminhamento da análise.

Sem perder de vista o contexto político-econômico mais amplo, que incide estruturalmente sob a população indígena zapatista, a realização de duas viagens a campo proporcionou nossa aproximação empírica, mas também detalhada, afetiva e co-construtiva de seu território rebelde, inteiramente demarcado por murais coloridos.

A partir da convivência, partilha e entrevistas com produtores e observadores dos documentos, dentre os quais indígenas zapatistas e integrantes de suas bases de apoio em incursões pelos Caracóis[3], seguimos nosso percurso crítico orientado fundamentalmente por três movimentos, cunhados por Bakhtin, para exprimir a metodologia exotópica:

1) **a contemplação**, que designa uma mirada ao desconhecido. Em nosso caso, remete-se às impressões iniciais de uma pesquisadora brasileira imergindo em cenário, costumes, valores que, até então, não tinha vivenciado. Esta etapa representou uma fase descritiva da pesquisa, em que foram registrados no caderno de campo apenas o que podia ser observado pelos olhos, como: as cores, as formas e os temas predominantes nos murais 2**) a compenetração**, identificada no momento em que nos abrimos ao outro. Para nós, essa abertura se deu, sobretudo, durante nossa participação no evento *Comparte por la humanidad*, em que tivemos a oportunidade de passar alguns dias no Caracol de Morelia, convivendo intensamente com companheiros

[3] Os Caracóis são as regiões administrativas/ organizativas do território autônomo zapatista e, geralmente, onde acontecem as atividades com convidados externos.

zapatistas e não zapatistas. Dentre as tantas atividades compartilhadas foi possível integrar o processo de criação e execução de um mural coletivo. Também se relaciona a esta etapa a realização de entrevistas semi-dirigidas, através de tópicos-guia, com os companheiros. **3) O acabamento** se trata da análise de fora depois do que se observou de dentro e da transformação significativa da posição inicial da pesquisadora. O acabamento se manifesta, então, após nos embebermos do outro. Isto é, remete às novas e às tantas possibilidades interpretativas deslindadas na complexa mistura eu-outro, oferecendo a ambos visões que não tinham acesso, assim como uma melhor compreensão de si mesmos como sujeitos inscritos em uma totalidade (GONÇALVES; GONÇALVES, 2015).

O fim do percurso consistiu em fazer com que os dados/ processos analíticos colhidos/ vivenciados se transformassem em material crítico discursivo, para que todo o aparato conceitual mobilizado ao longo da pesquisa, combinado à experiência em campo, revelassem as possibilidades críticas da tese defendida.

4 OFICINA DE MURAL

Nesta seção, relataremos parte de nossa segunda viagem ao território rebelde zapatista, entre 4 e 9 de agosto de 2018. O destino foi o Caracol de Morelia, durante a realização do *Comparte 2018: Píntale caracolitos a los malos gobiernos passados, presentes y futuros,* evento anual em que os zapatistas convocam artistas de todo o mundo para pensarem a arte como estratégia de transformação social.

Logo que o *Comparte* começou, checamos a programação e descobrimos que um coletivo de mulheres, coordenado por duas argentinas, Lucía e Maria, uma chilena, Javiera, e uma espanhola, Alesandra, intitulado "*Mujeres viajando solas*", estava propondo a feitura de um mural comunitário.

Devido à imensa dificuldade de abordar os companheiros zapatistas "aleatoriamente", logo entendemos que participar da oficina de mural seria a oportunidade perfeita para uma aproximação com mais tempo e naturalidade. Diferentemente das outras atividades do evento (música, dança, teatro, etc), que

duravam em média metade de um dia, pintar um mural em toda a parede do galpão dormitório exigiria, certamente, a doação de tempo integral dos participantes.

Essa imersão nos ajudaria duplamente: tanto a conseguir mais credibilidade com os companheiros zapatistas para entrevistá-los sobre suas visões de mundo, como para vivenciarmos o cotidiano do "documentar" muralista, atentando ao processo por baixo do "produto".

Desde as etapas de desenho e debates, que antecederam a confecção do mural, acompanhamos a dinâmica. A metodologia não era algo tão esquematizado. As coordenadoras fizeram algumas perguntas disparadoras, como "O que seria um novo mundo possível?" ou "para que lutamos?" e, a partir destes tópicos, cada pessoa, ou cada grupo de pessoas, sugeria ideias, algumas mais diretas, outras mais abstratas. Vinham em forma de palavras ou de frases.

Ao longo da atividade, deu-se a aproximação com aqueles que participavam da oficina. Assim, também veio nosso pedido de autorização, a alguns companheiros, para a realização de entrevistas formais. É importante salientar que os trechos de entrevistas com os zapatistas, reproduzidas nesta seção, seguiram-se com muita cautela durante os nossos dias de trabalho conjunto e, mesmo assim, apenas três companheiros (a quem, por questões de segurança foram apelidados de Pablo, Leonardo e Lírio) aceitaram ter suas falas gravadas. Vale ressaltar que o território sobre o qual buscamos refletir é marcado por um conflito de quase trinta anos e que, apesar da dita trégua militar, ainda hoje é cercado por exércitos/paramilitares armados, que ameaçam as comunidades cotidianamente.

5 O MURAL COLETIVO: DOCUMENTAR

Enquanto eram feitas as entrevistas, a construção de nosso mural coletivo na parede de um dos dormitórios de Morelia corria de "vento em popa". Nos cinco dias de trabalho (contando os dois dias de debate e desenhos em papel e três dias de pintura no muro), cerca de cinquenta pessoas deixaram suas contribuições, mas o grupo de "pintores" fixos reuniu mais ou menos vinte integrantes que se revezavam durante todo o dia, tanto na pintura do grande muro, como providenciando tintas, carvão, pincéis e

outros instrumentos necessários para a atividade. No grupo fixo, pessoas de nove nacionalidades estavam presentes.

Representantes do México, Canadá, Argentina, Chile, Venezuela, Brasil, Espanha, Bélgica e Portugal formavam um pedacinho da rede alter-mundista que os zapatistas vêm convocando desde que inauguraram seus Caracóis. A mais nova companheira tinha apenas cinco anos e a mais velha sessenta e sete, confirmando minhas hipóteses sobre a transidentidade e a transgeracionalidade da expressão mural em território autônomo.

Explicitando exemplarmente a circulação de saberes, complexa em sua elaboração e manifestação, os murais deslindam artefatos e sujeitos como "metamediadores" de uma paisagem coletiva, de modo que se torne impossível determinar onde começa e onde termina o suposto "isolamento" entre mediação humana e mediação técnica (SALDANHA, 2013); entre arte, documento e comunicação; entre gerações e nacionalidades; cores e motivações coproduzindo significados de mediação em meio a um território reclamando por autonomia, liberdade e justiça nas montanhas mexicanas.

Figura 1 – Produção coletiva de Mural – Caracol de Morelia



Fonte: RIHAN (2019).

Revendo o caderno de campo, encontramos inúmeras passagens sobre a quantidade de gente tão diversa, de tantas partes, mobilizando diferentes formas, cores, tamanhos, com seus sotaques e idiomas distintos, produzindo juntos. A sensação era, sobretudo, de aprendizado coletivo, dando-nos conta de que aquela rede definia não apenas a questão de frente, que eram as mensagens transmitidas através das paredes, mas a questão de fundo (e talvez a mais importante), o processo de construirmos e escolhermos essa mensagem, de nos definirmos em comum.

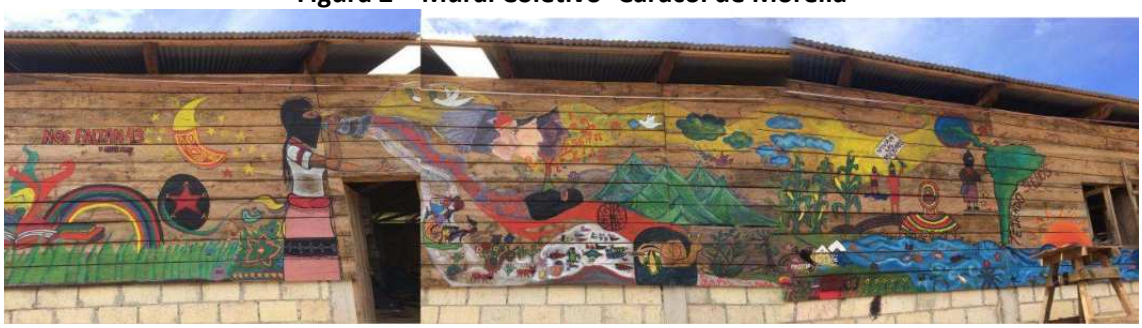
Em uma das entrevistas, Leonardo nos explica os significados de nosso mural coletivo em Morelia, a partir de sua perspectiva:

> Em primeiro lugar, colocamos a lua. A lua é o sinal da escuridão, ora, e essa escuridão são as maldades do capitalismo, a exploração, a humilhação, dentro dessa escuridão saem os homens e mulheres para fazer a reação, ou seja para se organizarem. Então sem essa organização em Chiapas, não havia (?) ...vocês não estavam aqui em 1994 ou antes, agora sim, quando se organizaram as pessoas, vocês vieram. Teve-se que mandar mensagens para o mundo, não? E essa mensagem é o sinal do caracol, o caracol que mostra esse chamado. Então de dentro deste caracol saem mulheres, e este sinal das mulheres é chamar as pessoas do mundo e essa chamada é a globalização da luta, unir-nos. É o sinal da unidade, sinal de compartir a luta que temos. Então aqui pusemos o sol, que é o sinal do amanhecer e o amanhecer é a vida, ou seja, construir outra vida, a liberdade e tudo que queremos fazer. Ou seja, já estamos livres aqui, este é o sinal do amanhecer, da outra vida, mas estamos fazendo a liberdade de todo o mundo, não só aqui em Chiapas, não só aqui no México ou na América Latina, mas em todo o mundo. Queremos um novo amanhecer e esse novo amanhecer é a liberdade. E a liberdade é para que estejamos livres para fazer coisas boas dentro da sociedade. E é disso que se trata esse mural que construímos. O chamado que estamos fazendo para o mundo, aqui neste caracol estamos, de diferentes países, de diferentes estados, é o que tratamos de expressar nesse desenho. O caracol a chamar o mundo também para compartir com a sociedade o que provoca o mal sistema "que vamos fazer, que vamos fazer?" e é este o chamado que estamos fazendo ao mundo. As mulheres ...isso indica também que, adiante as mulheres do mudo. Cada vez mais ocupando espaços (Entrevista para a autora em 8/08/2018 – Tradução nossa).

A explicação de Leonardo logo nos remeteu à lenda de Votan Zapata, muito veiculada nas comunidades, em que Ik'al e Votán, os contrários deuses maias - da claridade e da escuridão - necessitaram aprender a andar juntos para chegarem ao fim da "noite secular". Tal processo é descrito na lenda como o bem organizado combate das comunidades chiapanecas, após chamado feito pelo coração do povo. Dessa disposição de combater a grande noite teria irrompido, desde as montanhas de Chiapas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, prometendo luz e liberdade aos subalternos

do México e do mundo (NETTO, 2007). Nessa concepção, o caracol e o coração se confundem: é a partir dos caracóis que levam no peito que os guardiões do mundo se comunicam e se mantêm acordados na tarefa de protegê-lo.

Figura 2 – Mural Coletivo- Caracol de Morelia



Fonte: registro da autora (2018).

Além do caracol, que está em destaque no primeiro plano do mural, juntamente com a mulher zapatista que faz o chamado para as mulheres do mundo – de todas as cores e de todas as idades, como no desenho – observamos livros e um arco íris, a menção aos quarenta e três estudantes desaparecidos no México, a estrela vermelha, o sopro de um zapatista do qual nasce uma grande árvore, montanhas, uma plantação de milho, o mapa da América Latina com mais uma estrela vermelha, seis mulheres zapatistas, uma das quais com um *pañuelo* verde, reivindicado pelas companheiras argentinas, uma vez que, naquele momento, votava-se no senado de seu país o projeto de legalização do aborto, um símbolo remetendo a água[4], com dizeres mencionando a luta de Mexicali, o planeta terra, um indígena *Mapuche*, lembrado pelos companheiros chilenos, muitas flores plantas e animais na natureza.

Neste caso, a materialidade do mural não remete apenas à fisicalidade dos mesmos, como alertam os neodocumentalistas ao esmiuçarem as tantas camadas simbólicas que trazem à tona os documentos. No suporte de madeira, estampado de composições imagéticas saídas de cinco dias de criação coletiva, inúmeras referências, rotas de ações e de relações foram movimentadas. A partir de subjetividades

[4] Em Mexicali, os protestos de movimentos de resistência civil são cada vez maiores. O povo luta contra o governo devido à instalação de uma cervejeira que pretende acabar com a pouca água que existe em um estado desértico, como Baixa Califórnia. O acordo de 60 milhões de pesos feito pelo governo de Francisco Vega e a empresa cervejeira Constellation Brands - e aprovado pelo congresso - dá direitos à cervejeira sobre a empresa paraestatal administradora de água Aguas de Rosarito durante 37 anos.

necessariamente diferentes, montava-se uma rede viva de produção de sentidos. A perspectiva nos leva à possibilidade de reflexão sobre uma "documentação originária" – vinculada ao saber-fazer dos fazeres e saberes dos povos e comunidades tradicionais. Tais construtos são objeto histórico de violência, de massacre, de vulnerabilidade.

Pensando nessa ideia de processo - de enxergar o documentar por de baixo do documento - observamos uma série de temas irem ganhando lugar (ou não) nas paredes do dormitório, em proporções e escalas bastante díspares. De modo que o que ganhou, de fato, destaque no muro, foi o resultado de consensos, atingidos não sem contradições. Obviamente cada indivíduo participante da atividade defendia a importância dos temas que reivindicava, com o objetivo de fazer o outro refletir sobre o que toca a si. Porém, apesar da imensa parede, não havia espaço para todas as demandas.

Sobre a divergência de símbolos que costuma fazer parte do processo de execução dos murais comunitários, o companheiro Lírio comentou em sua entrevista:

> Geralmente chegam muitas pessoas que se oferecem para pintar, como as companheiras que estão aqui coordenando esta atividade, mas até agora eu nunca tinha participado. Geralmente os que pintam nas comunidades são os jovens, que gostam muito dessa função. Mas é cada vez mais forte a participação de membros das comunidades, principalmente pela importância de colocarmos os nossos próprios símbolos nas mensagens. Antigamente eram praticamente os estrangeiros que chegavam para pintar, atualmente são mais zapatistas. E mesmo entre os zapatistas há muitas diferenças simbólicas. Por exemplo, nós, de Oventic, utilizamos muito da cultura (da cancias?). É como nos huipiles[5], então, cada "Pueblo" tem sua própria cultura, é igual, mas cada um têm diferentes figuras, cores. Em Oventic, usamos muito o triângulo, aqui, por exemplo, não tem. São triângulos que trazem o huipil. O huipil que utilizam as mulheres como blusa, que são originários daqui, então, elas (as mulheres) quando desenham colocam sempre ao redor...então há coisas diferentes (Entrevista para a autora em 8/08/2018 – Tradução nossa).

Assim, olhando para o mural em sua etapa final, e refletindo a partir da fala de Lírio, identificamos não apenas o encontro de vozes em território zapatista, mas também os confrontos, cabendo ressaltar que a luta pela hegemonia de sentidos teve

[5] "Termo espanholizado e de uso cotidiano derivado do náhuatl huipilli ("blusa desenhada"). No México, Honduras, Guatemala e El Salvador, ele é usado para designar as camisas e as túnicas feitas de algodão e que contém um importante trabalho de bordado. São associados às técnicas de produção têxtil dos povos ameríndios" (MACIEL, 2018, p. 111).

sim ganhadores e que a "vitória" não aconteceu por "acaso" ou por um simples devir-encontro.

Observar o mural finalizado no dormitório de Morelia tornou claro que nem todos os modos de significar tiveram ali a mesma "força". Apesar das tantas influências externas, os símbolos mobilizados pelos indígenas zapatistas tiveram destaque marcante na composição final da obra: apenas um "bater de olhos" no mural - mesmo que através de uma fotografia descontextualizada - apresenta fortes indícios de que se trata de uma parede em território zapatista, como a imensa mulher de rosto coberto[6] fazendo um chamado a partir de um caracol.

Lembrando que o "disparador" da atividade foi a pergunta dialógica e transversal "Por que lutamos?" a força política que pesou a balança na organização da informação que concebeu a imagem e que, portanto, respondeu à pergunta inicial, destaca a prevalência das vozes indígenas, deixando nítido que o resultado do mural é político, definido pela luta de sentidos entre as diferentes posições ocupadas naquele território.

Nesse sentido, destacamos a fala de Pablo, que reivindica os murais como expressões culturais, mas também como "armas" da luta ideológica pela refundação do mundo:

> Os murais, a expressão artística dentro do nosso movimento, são praticamente uma arma. É uma arma que realmente é mais efetiva que qualquer arma que se possa usar. Nós consideramos que é superior a qualquer arma que possam ter inventado. Porque uma arma, pois, não tem outro feitio que não seja submeter a pessoa a fazer o que (o portador da arma) quer, e a utiliza, às vezes a utiliza sem razão e é uma ordem. E (o outro) tem que cumpri-la, tenha ou não tenha razão. Então, praticamente nós vimos, pois, que, realmente, existem várias vias para poder solucionar os problemas e não ser dogmáticos e nem ser, como que assim, como que traçando uma linha reta de que assim têm que ser as coisas. As coisas mudaram e praticamente nosso movimento é uma amostra de que não podemos seguir as mesmas tradições de outros movimentos, quando realmente as condições são diferentes. E por exemplo, digamos, tudo que nós expressamos em nossas pinturas é um reflexo, pois, do que alcançamos em questão de autonomia e (...) também de que nosso projeto pode estar em nossas obras. E nossas obras, a arte, mostra o que é nosso projeto de vida. Nós como zapatistas, todos estamos convencidos em que seja a solução, na criação e na

[6] As toucas pretas e/ou *paliacates* cobrindo o rosto estão entre os elementos mais característicos dos indígenas zapatistas. O hábito de usá-los começou durante o levante de 1994, com o intuito de proteger a identidade dos comandantes do EZLN. Com o tempo, os acessórios foram sendo ressignificados até tornarem-se símbolos centrais de uma identidade coletiva zapatista, como expressa a palavra de ordem do movimento: *"Todos somos nosotros".*

> realidade, um projeto de vida (Entrevista para a autora em 8/08/2018 – Tradução nossa).

Participar da atividade nos ajudou, dessa forma, a concebermos o mural como materialidade simbólica, em que o "resultado" da organização dos saberes é não apenas o ponto de chegada, ou a "síntese" do encontro, mas também o ponto de partida para entendermos o percurso histórico dos confrontos, assim como a práxis, no tempo e no espaço, das pessoas em relação - que organizam linguagens, informação e conhecimento, recriando permanentemente o "mundo possível" a partir de escolhas políticas atuais.

Conformando, portanto, uma singularidade que não deixa de ser plural, o nosso mural, especificamente, mas também as outras paredes em território zapatistas combinam *pañuelos* verdes argentinos pela legalização do aborto com Virgens *Guadalupanas*; Zapata e Che Guevara; dragões de várias cabeças e estrelas vermelhas. Em imagens talhadas, identificadas à arte revolucionária; desenhos infantis ou artes plásticas urbanas; da arte chicano aos bordados *tzotziles*; de inspirações em Diego Riviera a cartuns (SANTIAGO, 2002), histórias de luta e emancipação vão sendo remontadas a partir de fragmentos de tempo e espaços, muitos deles deixados de fora da história oficial, capazes de nos dar pistas do empreendimento zapatista ao longo do tempo, ou índices de sua cultura anelada, mesmo quando esses elementos, à primeira vista, parecem anacrônicos ou dicotômicos (RIBEIRO, 2016).

Nesse sentido, estivemos amparados na crítica de Frohmann (2008) e de outros chamados "neodocumentalistas" para não deixarmos - nunca - de interrogar a materialidade dos murais, desafiando/desconstruindo - sempre - o suporte, ou as imagens sobre as paredes, como sínteses finalizadoras. Sua articulação com múltiplos saberes, instituições, objetividades e subjetividades foram a principal chave para que pensássemos a dita "documentalidade" em movimento. Trata-se, aqui, não de observar a "neodocumentação" como uma nova documentação no sentido de ruptura e desconstrução com o trajeto de desenvolvimento da perspectiva documentalista. O termo "neodocumentação" está vinculado, neste caso, apenas à condição da anglofonia que reinterpreta o pensamento otletiano e abre, junto de outras abordagens, a travessia dialética do documento.

Em diálogo com os estudos de mediação, circulação e apropriação da informação, podemos dizer, ainda, que os murais se apresentam como "paisagens infoepistemicas marginais" (SALDANHA, 2014, p. 1218).

> [...] aqui, saber e mediação são coconstituídos sob "lógicas" e "retóricas" totalmente distintas da experiência "infoepistêmica tradicional", ou seja, o modo de produzir conhecimento, organizá-lo e disponibilizá-lo de "centros de cálculo-modelo" para usar a expressão de Bruno Latour. Diferentemente dos arquivos, das bibliotecas e dos museus, outro modos operandi epistêmico se estabelece. Isto não resulta, no entanto, em uma elaboração aepistêmica. Trata-se de um modo de conhecer distinto, que ora quebra com as "regras" dos regimes lineares de informação, ora reapropria a ordem dos fluxos de um sistema sócio-político de informação pré-determinado.

Como no exemplo dado por Saldanha (2014), também nos altos de Chiapas, objetividade e subjetividade - tão apartadas quando tratamos dos "documentos oficiais" validados pelas ciências legitimadas - ora se juntam, ora se separam, colorindo um outro mundo possível que, como narraram os companheiros zapatistas, necessita, para existir, tanto da transformação das condições materiais de vida, como da construção de "ideias ideológicas" concebidas através de um "caminhar perguntando", como enfatiza um dos seus lemas

Observar as formas de produção e apropriação dos murais zapatistas, baseadas no diálogo coletivo, permite-nos afirmar que as narrativas veiculadas a partir dos mesmos, a transformação de muros de madeira em "novos possíveis mundos" é, ao mesmo tempo, um processo de produção de conhecimento entre os indígenas e seus companheiros e o apontamento para novas formas de (re)existência, fundada na práxis coletiva, nos laços de contato, nas histórias recriadas e sempre em movimento. O legado do passado, constantemente refeito em experiências compartilhadas no presente, renova expectativas, enriquecendo e ativando o projeto de autonomia das comunidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as inspirações trazidas à tona pelo desenvolvimento teórico-crítico da Ciência da Informação, sobretudo com as questões levantadas pela neodocumentação, em autores como Buckland, Day, Frohmann, Lund, que têm em comum o apontamento

sobre a materialidade simbólica da experiência documental; somadas a concepções da linguagem advindas do pensamento materialista histórico em outros campos, como em Bakhtin (1997) - que parte do discurso para nos fazer atentar à realidade como construção dialógica e dialética, carregando certas marcas, mas também inventividade; finalmente chegamos à análise de nossos murais-documentos extrapolando os limites de quaisquer discursos metodológicos encerrados.

Uma das conclusões mais importantes deste trabalho é, portanto, a percepção de que, ultrapassando a superficialidade da matéria meramente física, os murais aglutinam, desde sua construção inicial nos idos de 1995, um movimento compartilhado de experiências e reivindicações. Essa relação foi responsável pela transformação do EZLN em um imenso movimento social organizado, com bases de apoio em diferentes geografias, ganhando visibilidade, levando a frente seu protagonismo político e sua proteção contra possíveis ataques e conflitos armados.

Desse modo, além de entendidos como "zonas de prosas coletivas", cheias de devires e simbolismos, também resultou desta pesquisa a percepção dos murais como artefatos construídos com um assumido desejo de fazer política "*abajo y a la izquierda"*. A disputa pelos índices sociais que neles se travam se fez presente em todo o processo de observação, embasando a afirmação de sua intenção para a luta.

Neste momento em que a América Latina sofre os efeitos mais agressivos de mercados e Estados praticamente autocráticos e seus dispositivos sociais legitimadores de práticas racistas e neocoloniais que, uma vez mais na história, avançam a olhos vistos contra as populações pobre, negra e indígena, a principal lição desta pesquisa é a necessidade incontornável de mantermos a indignação e a imaginação, mas também o conhecimento e a informação, a serviço da luta social. A informação como matéria transformadora do real segue como premissa mais que urgente!

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of American Society for Information Science,** v. 5, n. 42, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...].** Belo Horizonte: ANCIB/UFMG, 2003.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. (org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: FUNDEPE, 2008, p. 19-34.

GONÇALVES, L.; GONÇALVES, J. B. A fé contra o crime: uma análise bakhtiniana da imagem dos envangélicos no Brasil na capa da Revista Veja. **Revista Línguas & Letras**, v. 16, n. 34, p. 286-306, 2015.

HÍJAR, C. **Calcomanías zapatistas**: contribución a una poética latinoamericana, México: Instituto Nacional de Bellas Artes y Lititutra, 2004.

MARQUES, L. A. G. **Democracia, Justiça, Liberdade**: lições da Escuelita Zapatista. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Brasília, 2014.

MACIEL, L. da. **Os murais zapatistas e a estética tzotzil**: pessoa, política e território em Polhó, México. 2018. 240 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, Programa Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2018.

NETTO, S. L. F. V. **A mística da resistência**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo 2007.

RIBEIRO, D. M. As Imagens Dialéticas de Walter Benjamin na Montagem de Godard. **Paralaxe,** São Paulo, v. 4, n. 1, p. 22-47, 2016.

RIHAN, B. **Documentos dialógicos, territórios dialéticos:** um estudo sobre murais e seu papel na guerrilha simbólico-material do movimento zapatista de libertação nacional. 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2019.

SALDANHA, G. O documento e a "via simbólica": sob a tensão da neodocumentação. **Informação Arquivística**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 65-88, 2013.

SALDANHA, G. Mediação e formações simbólicas: notas cassirerianas sobre linguagem, conhecimento e cultura na ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...].** Belo Horizonte: ANCIB/UFMG, 2014.

SANTIAGO, L. V. El Mito de la palavra a la parede. **Blanco sobre blanco**: miradas y lecturas sobre artes visuales. Buenos Aires, n. 2, p. 19-29, mar. 2012.

ZERMEÑO, S. O Levante Zapatista no México. **Praga - revista de estudos marxistas.** São Paulo: Boitempo, n. 2, p. 87-108, 1997.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES, ao CNPq e à FAPERJ pelo financiamento desta pesquisa.